

## A continuidade de referência em gêneros da escrita e da fala no português brasileiro

Vera Lúcia Paredes Silva  
UFRJ/CNPq

### 1. Introdução

Este trabalho integra um conjunto de estudos visando à comparação de fenômenos variáveis na língua falada e escrita, no português brasileiro<sup>1</sup>.

Adota o tratamento da relação fala-escrita como um continuum (cf. Chafe, 1982, 1985; Tannen, 1982, 1985; Biber, 1988) e defende a necessidade de também levar em conta, em qualquer estudo dessa natureza, as distinções de gêneros de discurso.

Em nosso caso, o objeto da comparação entre a fala e a escrita é a expressão de um referente no discurso, mais especificamente sua manutenção ou retomada. Nesta apresentação tratamos de referentes de terceira pessoa, na função sintática de sujeito.

Costuma-se afirmar que uma unidade de informação (aqui entendida como um conceito, uma entidade, um referente), uma vez introduzida no discurso, pode ser retomada por pronome, pela anáfora zero (ou seja, omitida) ou mesmo referida através de nome, idêntico ou não. No exemplo seguinte, ilustram-se as três possibilidades:

(1) Eu tava com o meu colega e foi a mesma coisa. Uma distração. Aí chegou **um cara**, **Ø**botou a mão no meu ombro e **Ø**disse: “Amigo, me dá essa sacola aí.” Eu cheguei: “Pô, cara, num vai levá nada não”. **Ele**: Me dá logo isso aí, eu num quero saber não”. Será que **ele** tá armado, será que **Ø**num tá? **Ele** queria a sacola, aí nisso eu já mudei minha bolsa de mão, passei pra direita. Aí **o cara**: “Vamos, me dá logo isso aí, eu num quero saber”. Aí eu peguei falei com o meu colega, falei: “Fulano, segura esse embrulho aqui pra mim”. Aí, quando **ele** me viu falando com o cara, **ele** pegou e **Ø**já foi disfarçando. Eu fiquei vendo o que que **ele** ia fazer, **ele** saiu correndo. (Entrevista – Amostra PEUL 00 – G1)<sup>2</sup>.

Assim, para a gramática tradicional, haveria uma ordem de precedência nome-pronome-zero. O nome, servindo à designação, seria o encarregado de introduzir a

<sup>1</sup> Os estudos referidos fazem parte do Projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), da Faculdade de Letras da UFRJ.

<sup>2</sup> Nos exemplos, aparecem em negrito a primeira menção e as subsequentes de uma mesma entidade. Não são assinaladas as referências através de pronome de primeira pessoa, nas seqüências de discurso direto.

entidade no discurso. O pronome e sua concorrente, a anáfora zero, seriam as escolhas preferenciais para retomada de entidades já mencionadas.

Ao mesmo tempo, reconhecemos ser esta uma visão simplista da referência, porque faz pensar em entidades discretas existentes no mundo, que receberiam uma espécie de "etiqueta" na língua. Na lingüística contemporânea, a questão é colocada de outro modo: não se trata da representação de entidades do mundo na língua, mas do processo de constituição de entidades no discurso. Desse modo, a questão da alternância nome- pronome- zero ganha outra dimensão, que não a estritamente gramatical. A segunda menção de um referente deixa de ser apenas uma retomada para ser parte do processo de construção discursiva, sendo uma de suas funções categorizá-lo, como no caso abaixo, em que o leitor passa a identificar o personagem mencionado como poeta:

(2) O lugar parecia meio derrubado, como nós. Passamos para a cerveja. Aldir pediu um prato de queijo minas sem tempero. Queijo minas sem tempero, naturalmente, sempre parece isopor molhado, mas o poeta reclamou. (Crônica- Artur Dapieve- O GLOBO)

No entanto, sem perder de vista essa perspectiva textual-discursiva, estamos assumindo uma relativa equivalência entre menções do referente através de sintagmas nominais, pronomes e anáforas zero no corpus investigado. Isso nos permite associar o princípio funcionalista da continuidade tópica ou referencial (Givón 1983, 1995), que serve de fundamento para este trabalho, ao tratamento quantitativo, no quadro da sociolingüística variacionista laboviana (Labov, 1972). Assim, de acordo com Givón (op. cit.), quanto mais previsível uma informação, de menos expressão lingüística necessita, o que resulta numa proposta de hierarquizar as possibilidades de expressão lingüística correspondentes ao domínio funcional da continuidade referencial semelhante em parte à escala de precedência tradicional:

#### CONTINUIDADE MÁXIMA

- anáfora zero
- pronomes átonos ou concordância gramatical
- pronomes tônicos/independentes
- SN DEF deslocado à direita
- SN DEF simples
- SN DEF deslocado à esquerda
- topicalização contrastiva
- construções de foco/clivadas

#### DESCONTINUIDADE MÁXIMA (Givón 1983 p.56)

Tomando-se três pontos dessa escala – SN definido, pronome e zero – pode-se considerar a existência de uma variável com três variantes e buscam-se correlações entre a escolha de uma variante e fatores de ordem diversa: semântica, sintática e discursiva. Esses dados são, assim, submetidos a uma análise quantitativa nos termos da sociolingüística laboviana.

Neste trabalho, porém, dadas as limitações de tempo, faremos comparações de caráter mais geral, visando à discussão de semelhanças e diferenças entre fala e escrita<sup>3</sup>.

## 2. Gêneros de discurso e tipos de texto

Partindo do pressuposto de que qualquer comparação entre fala e escrita envolve a questão dos gêneros de discurso, é necessário apresentar a concepção aqui adotada.

Seguindo Bakhtin (1986), entendem-se os *gêneros de discurso* como tipos relativamente estáveis de enunciados. Os *gêneros* dizem respeito a atividades, são formas convencionais de organização do discurso conforme a situação comunicativa. Desse modo, apresentam grande diversidade e estão sujeitos a influências sócio-históricas.

Distinguem-se dos *tipos de texto* (ou *seqüências textuais*) – estes caracterizados por marcas formais. Os *tipos de texto* podem ser identificados a partir de traços lingüísticos próprios – por exemplo, as marcas de tempo, aspecto e modo do verbo; a natureza semântica do verbo; a centração na primeira, segunda ou terceira pessoa; a unidade semântica focalizada (entidades, eventos, proposições, etc). Esses *tipos* constituem um conjunto limitado de possibilidades: dependendo do autor, no máximo uns seis ou sete (narrativo, descritivo, argumentativo, dissertativo, injuntivo, expressivo, explicativo)<sup>4</sup>.

De nossa parte, entendemos que os *tipos de texto* constituiriam um nível de estruturas lingüísticas em potencial; outro nível, o do uso, atualiza essas estruturas nas mais variadas situações comunicativas, havendo inclusive inserções e superposições. É a esse segundo nível que chamamos *gêneros de discurso*. Assim, textos do *tipo narrativo* se atualizam prototipicamente no gênero *estória*, e também em *piadas*, *notícias de jornal*, por exemplo. Já o *tipo injuntivo* está presente numa *receita culinária*. O *tipo argumentativo* é próprio dos *debates*, para ficarmos apenas com algumas ilustrações.

## 3. O corpus investigado

Para comparação de fala e escrita, apresentam-se resultados de pesquisas variacionistas realizadas em momentos diferentes, em diversos *corpora*.

A língua falada está representada por sessenta entrevistas sociolingüísticas do Projeto PEUL/UFRJ, realizadas em dois momentos diferentes: na década de 80 do século XX (doravante Amostra 80) e cerca de vinte anos depois (Amostra 00), na mesma comunidade<sup>5</sup>. Em relação ao *gênero*, na *entrevista sociolingüística* realiza-se um

<sup>3</sup> Note-se que só estão incluídos na análise elementos de referência específica, isto é, definidos, e que sejam sujeitos de formas verbais finitas. Além disso, é preciso que tenham continuidade referencial no discurso, isto é, sejam mencionados duas ou mais vezes.

<sup>4</sup> Esse é também o ponto de vista de Adam 1993 e Marcuschi 2002, entre outros.

<sup>5</sup> A comunidade lingüística em questão é a do município do Rio de Janeiro. As amostras citadas foram constituídas visando a um estudo de mudança em tempo real de curta duração, nos moldes labovianos. Alguns desses estudos encontram-se em Paiva & Duarte (2003).

tipo de interação assimétrica, em que o informante é estimulado a falar e a participação do entrevistador é intencionalmente bastante limitada, diferentemente, portanto, de uma *conversa espontânea*. A *entrevista* incorpora grande diversidade de temas e tipos de textos, embora para o fenômeno aqui investigado as seqüências mais produtivas sejam as narrativas. Nelas se encontram os usos mais contínuos da terceira pessoa e mais propícios, portanto, ao exame da variação. É o que se viu no exemplo (1) acima, que relata uma tentativa de assalto.

A língua escrita informal é representada por setenta cartas pessoais de cariocas escritas no começo dos anos 80 e estudadas em Paredes Silva (1988). Os emissores são pessoas com escolaridade mínima de segundo grau<sup>6</sup>. As cartas, trocadas entre parentes e amigos próximos, caracterizam-se por se destinarem a diferentes propósitos (cf. Paredes Silva 1988). Assim, esse *gênero*, como as *entrevistas*, pode abrigar diferentes *tipos de texto*, mas a manutenção de sujeitos de terceira pessoa se dá preferencialmente em *seqüências narrativas*. Como tais narrativas envolvem personagens do círculo de relações de emissor e destinatário, o emissor pode contar com o conhecimento prévio de seu destinatário específico, diferentemente do produtor de um texto jornalístico, sendo este destinado a uma audiência mais ampla e variada. A propósito, veja-se o seguinte exemplo, em que é alta a incidência da anáfora zero:

(3) Eu adoro a C. ~~Ø~~É uma pessoa adorável e ~~Ø~~é o tipo certo pra ele. Além de tudo, ~~ela~~ foi de uma dedicação impressionante. Nunca ~~Ø~~pensou em si mesma. Sempre ~~Ø~~aguentou as barras dele e ~~Ø~~o apoiou. E ~~Ø~~jamais atrapalhou a disciplina rígida que ele mesmo se impôs, muito pelo contrário, ~~Ø~~dava a maior força. Se ele for bem sucedido, é lógico que em parte ele deve a ela. (Carta pessoal – Fâ 1)

Já a língua escrita semi-formal foi recolhida de textos da mídia impressa – o chamado *discurso jornalístico* – mais especificamente, pertencente aos gêneros *notícia-crônica* e *artigo de opinião*, veiculados em jornais cariocas de grande circulação, como O Globo, O Dia, Extra, Jornal do Brasil, no período de 2001 a 2005, material que também pertence ao acervo do projeto PEUL/UFRJ.

Observe-se que a expressão *discurso jornalístico* não remete a um gênero, mas a um *domínio discursivo* (cf. Marcuschi 2002) ou um suporte que é capaz de dar origem a vários *gêneros*: o *editorial*, a *crônica*, o *artigo de opinião*, a *carta de leitores*, o *horóscopo*, a *coluna social*, as *notícias*, etc. Cada gênero desses, por sua vez, abriga uma diversidade de *tipos de texto* ou *seqüências*.

Quanto aos gêneros jornalísticos investigados – a *crônica*, o *artigo de opinião* e as *notícias* – pode-se dizer que o mais próximo da fala é a *crônica*. É um texto leve, em que se pode abordar os mais variados assuntos. Trata-se de um texto curto, geralmente escrito em primeira pessoa e procura representar um momento de descontração para o leitor. Cinco autores que escrevem semanalmente n'O Globo foram selecionados compondo um total de trinta crônicas<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> O segundo grau corresponde ao liceu em Portugal.

<sup>7</sup> São eles: Artur Xexeo, Artur Dapieve, Cora Ronai, Joaquim Ferreira dos Santos e Zuenir Ventura.

É pelo fato de tratarem de uma temática do cotidiano, envolvendo personagens do domínio público – artistas, cantores, políticos – que as *crônicas* nos interessam do ponto de vista da referência. Embora não haja o mesmo nível de conhecimento partilhado de uma *carta pessoal*, há um certo pressuposto de conhecimento comum aos leitores, além do tom de oralidade e informalidade. O exemplo abaixo é extraído de uma *crônica*, assim como o exemplo (2) acima:

(4) Nisso a **prefeita de São Paulo** é legítima representante de seus eleitores. Quando  $\emptyset$  surgiu na vida pública, era difícil não gostar dela. Mulher, sexóloga, do PT, mãe do simpático roqueiro Supla, casada com um político muito sério e elegante, Eduardo Suplicy, **Marta Suplicy** era pura modernidade. Não sei se mudou a sua voz ou se mudou o meu ouvido, **ela** logo me passou a transmitir uma arrogância quatrocentona, plutocrata de esquerda. (Crônica – A. Dapieve – O GLOBO).

No aspecto do compartilhamento de informações, as *crônicas* diferem das *notícias*. Nesta pesquisa, incluem-se apenas as *notícias* que dizem respeito à cidade. Nelas, tal como nas *crônicas*, também podem ser eventualmente mencionados personagens conhecidos ou famosos. Mas como o objetivo principal é informar, e não entreter (como na *crônica*), não pode haver o mesmo pressuposto sobre o conhecimento prévio do leitor. Além disso, as *notícias* costumam envolver mais de um participante, muitas vezes protagonista e antagonista, o que de certo interfere na forma de expressão do referente. São escritas em terceira pessoa, de modo aparentemente objetivo, e nelas predomina o texto do tipo narrativo. Foram examinados trinta e três exemplares do gênero *notícias*, de extensão variável. O exemplo que se segue ilustra as características apontadas. Observe-se o recurso ao aposto para melhor identificação dos personagens envolvidos; note-se, ainda, a dificuldade em identificar o referente do último SN assinalado:

(5) O **ex-secretário nacional de Esportes Lars Grael** negou ontem que  $\emptyset$  tenha visitado o presídio Bangu III em 1999. Anteontem, o **secretário estadual de Esportes, Francisco de Carvalho, o Chiquinho da Mangueira**, afirmou que  $\emptyset$  esteve com **Lars** na unidade para implantar um projeto de ressocialização, o Pintando a Liberdade. O projeto jamais foi implantado no presídio. Como O GLOBO noticiou ontem, agentes penitenciários afirmam que o **secretário** visitava com frequência traficantes em Bangu III. (Notícia \_O GLOBO)

Quanto aos *artigos de opinião*, oferecem maior dificuldade à tentativa de sistematizá-los. Trabalhamos com vinte e oito artigos assinados, na maioria extraídos da Página de Opinião dos jornais O GLOBO e JB, de autores diversos, jornalistas ou não. A essa diferença de autoria pode-se relacionar a maior ou menor formalidade do texto.

Diferentemente dos gêneros antes mencionados, os *artigos de opinião*, como pretendem ser a expressão de um ponto de vista, tendem a centrar-se em idéias, e não em pessoas ou acontecimentos. Por esse motivo, apresentam textos predominantemente

argumentativos ou expositivos. A propósito, veja-se o exemplo a seguir, em que o termo *órgão* remete ao tema central do texto:

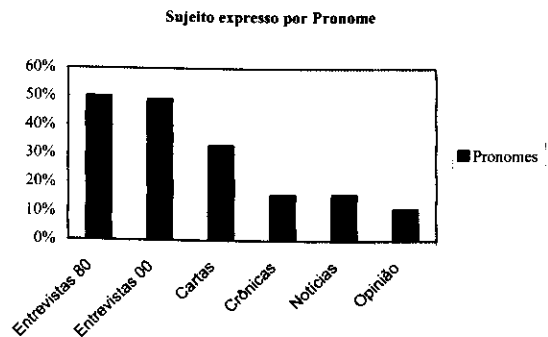
(6) O presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Marco Aurélio de Mello, ao comentar as propostas existentes para a instituição do chamado controle externo da magistratura, pôs em evidência a circunstância de que, ao criarmos **um órgão controlador do Poder Judiciário**, seríamos levados, talvez a curto prazo, a criar um outro órgão controlador, e assim por diante, *ad infinitum*.

E realmente assim é. Se entendemos fundamental que tenhamos **um órgão que controle e fiscalize o Poder Judiciário**, esse *órgão*, ao se desviar de suas finalidades, estaria a requerer a existência de *órgão* que lhe seja superior. (Opinião – H.Bicudo -JB)

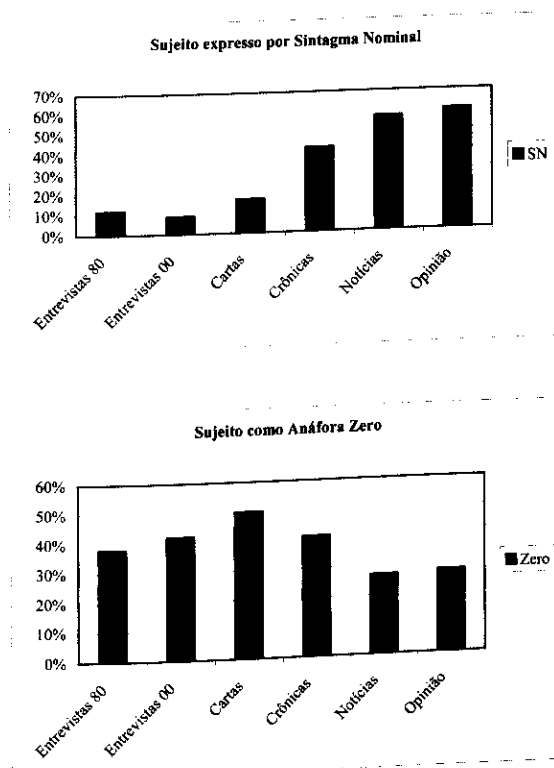
Essas considerações iniciais a respeito dos gêneros analisados e dos temas predominantes servem como pano de fundo para a discussão da continuidade de referência e de sua forma de expressão preferida nesses gêneros.

#### 4. Discussão dos resultados

O primeiro ponto a destacar da comparação entre os dados de fala e os de escrita é a diminuição do uso de pronomes em retomadas de referentes de terceira pessoa, na escrita, diminuição essa menos sensível em cartas pessoais, mas muito significativa no caso dos gêneros jornalísticos. Em compensação, cresce o uso da variante nome, comparativamente, em todos os gêneros jornalísticos. Os gráficos a seguir evidenciam isso, ao comparar os percentuais de pronomes, nomes e anáforas zero, respectivamente, nos gêneros analisados:



A CONTINUIDADE DE REFERÊNCIA EM GÊNEROS DA ESCRITA E DA FALA



Os resultados demonstram que, quando se trata de língua falada, o informante mantém a preferência pelo pronome, no caso de retomada de um referente, sendo a anáfora zero sua segunda opção. Tal tendência não se alterou no intervalo de vinte anos que separa os dois momentos de coleta dos dados orais. A retomada nominal, por sua vez, é percentualmente pouco significativa na fala. A tabela 1 abaixo apresenta esses resultados:

Pronome	Amostra 80		Amostra 00	
		752	50%	755
SN	191	12%	137	9%
Zero	574	38%	652	42%
Total	1517		1544	

Tabela 1 – Distribuição das três variantes nas duas amostras de fala

Como já foi dito, as seqüências mais produtivas para a ocorrência contínua da terceira pessoa são as seqüências narrativas. É o que se tem no primeiro exemplo, aqui retomado, em que o informante relata uma tentativa de assalto que sofreu.

A seqüência em (1) apresenta as três variantes (*o cara, ele, Ø*). Os contextos preferenciais de omissão do sujeito de terceira pessoa são os casos considerados em Paredes Silva 1988, 1993, 2003 como de conexão ótima (Grau 1 de conexão), em que se observa uma cadeia tópica, com encadeamento de ações praticadas pelo mesmo referente/tópico/sujeito: ... *Ø* botou a mão no meu ombro e *Ø* disse (...)

Em outros momentos da narrativa, embora o referente/tópico/sujeito permaneça o mesmo, há uma mudança de plano, como por exemplo, quando o narrador especula sobre o fato de o desconhecido estar ou não armado, num trecho de discurso indireto livre, e volta ao tempo dos acontecimentos, com a oração em pretérito imperfeito:

Será que *ele* tá armado, será que *Ø* num tá? *Ele* queria a sacola (...)

Este é um contexto em que a continuidade sofre certa quebra, depois das orações interrogativas (Grau 2 de conexão), comparativamente aos exemplos anteriores. Quebra ainda maior se dá quando se alternam primeira e terceira pessoa como participantes da ação. Nesse caso, a expressão pronominal predomina. (Grau 4 de conexão)

Do total de menções nesse segmento narrativo, apenas uma repete o substantivo *cara*, ou seja, é uma retomada nominal.

Ao compararmos esses resultados com os do gênero de escrita mais informal e considerado mais próximo da oralidade entre os examinados – as cartas pessoais – já constatamos uma diminuição no uso do pronome, compensada pelo aumento da anáfora zero. Há também um ligeiro aumento no uso do nome. (cf tabela 2), embora em níveis considerados pouco significativos.

Pronome	230	33%
SN	123	17%
Zero	349	50%
Total	702	

Tabela 2 – Distribuição das três variantes na escrita informal \_ cartas pessoais

No exemplo (3) acima, de carta pessoal, vemos o predomínio da anáfora zero. Mesmo a interferência de outro participante da terceira pessoa, de gênero masculino, não é capaz de afetar a continuidade do referente/tópico central, que pode manter-se



omitido, sem problemas de compreensão. Note-se que contextos semelhantes na fala acolheriam o pronome.

Pode-se interpretar o aumento dos percentuais de anáforas zero como uma consequência da possibilidade de maior planejamento e edição do texto escrito, ainda que informal, como no gênero em causa. Não se deve também ignorar que os emissores dessas cartas têm um nível de escolaridade alto e a escola costuma ser bastante incisiva na orientação dos alunos para a dispensa de pronomes pessoais.

Quando se passa à língua escrita aqui caracterizada como semi-formal – os gêneros jornalísticos – as diferenças são mais marcantes:

Pronome	Notícias		Crônicas		Artigos	
	40	16%	66	16%	35	11%
SN	144	57%	174	42%	188	60%
Zero	67	27%	170	41%	88	28%
Total	251		410		311	

Tabela 3 – Distribuição das três variantes na escrita semi-formal \_ gêneros jornalísticos

A retomada de um referente passa a ser feita predominantemente pelo nome, nos três gêneros jornalísticos analisados, embora a crônica se distancie um pouco dos demais, no equilíbrio entre a anáfora zero e o SN. Para melhor se entender essas diferenças, faz-se necessário mais uma vez recorrer aos tipos de texto compreendidos nestes gêneros e aos propósitos comunicativos.

Em termos de *tipos textuais*, a continuidade referencial se observa, como já comentamos anteriormente, principalmente em seqüências narrativas. Dos gêneros analisados, crônicas e notícias, ambos, tendem a apresentar tais seqüências. Comparem-se os exemplos (7) e (8) abaixo, respectivamente:

(7) Então, uma da matina, **Aldir** se levantou, **Ø**assegurou-se que aquela santa já dormia e **Ø**nos convidou para tomar a saideira num bar em Vila Isabel, coisa muito fina, segundo ele. Hesitamos, pelo adiantado da hora e pelo clima de *apocalypse now* na cidade, mas **Aldir** não convida, a gente é que obedece. Lá fomos nós, então, atrás do tal bar, cujo nome será devidamente omitido para proteger o inocente. Chegar, óbvio, não foi fácil.

**Aldir** não se lembrava do caminho. A cada esquina em que seres humanos se reuniam em torno de um churrasquinho de gato, **ele** descia do carro, imponente, alto pra cacete, perguntando o paradeiro da birosca. (Crônica – Artur Dapieve – O GLOBO)

(8) **O soldado da Polícia Militar C.P.R.**, 26 anos, lotado no Grupamento Especial Tático-Móvel (Getam), foi baleado, no início da manhã de ontem, por volta das 6h40, na Rua Flack, no Rocha.. De folga, **o policial** estava à paisana e **Ø**foi abordado por dois criminosos que ocupavam um Gol branco, de placa não identificada.

De acordo com o delegado G.D., titular da 25ª. DP, os bandidos reconheceram C. como policial, deram uma coronhada em sua cabeça e mandaram que ele fugisse correndo. Em seguida fizeram os disparos que atingiram o policial militar na coxa esquerda. C. foi levado para o Hospital Salgado Filho onde Ø foi submetido a cirurgia no fim da manhã. (Notícia - O DIA)

Como já se observou dos exemplos, seqüências narrativas se constroem em torno de personagens que se mantêm no palco central dos acontecimentos por algum tempo. Daí permitirem a continuidade de referência.

Mas no caso da notícia, há interferência de vários personagens. Como visa a informar, não pode haver pressuposição sobre o conhecimento prévio do leitor com relação àqueles personagens. Além disso, narrativas costumam ter como participantes seres animados, traço semântico fortemente condicionador do uso do pronome em português, tanto na fala como na escrita. Nesse vaivém de personagens, a retomada através de nomes, sejam eles nomes próprios (prenome, sobrenome, cargo) ou comuns, funcionando como categorizadores (cf. *poeta*, no exemplo 2; *o policial militar*, no exemplo acima) é uma constante.

Quanto aos *artigos de opinião*, como já disse, um dos seus traços é que tendem a ser desenvolvidos em torno de idéias, temas mais abstratos, expressos através de SNs, muitas vezes complexos (nome mais adjetivo), cuja repetição ao longo do texto se faz não só por uma questão de clareza, mas também para reiterar o tópico discursivo. Dada a extensão e complexidade sintática das orações que domina os artigos de opinião, a retomada através da repetição não sobrecarrega o texto ou incomoda o leitor como recurso de mau estilo.

A propósito, vejamos os excertos a seguir, extraídos de um *artigo de opinião* em que o nome núcleo do SN é repetido dezessete vezes no total:

(10) O conjunto de projetos em curso no governo federal, modificando radicalmente as funções, atribuições e autoridade das **agências reguladoras**, na prática, significa a sua extinção. Por falta de informação ou por uma visão equivocada do papel das **agências**, é cada vez mais freqüente que um ou outro membro do governo apareça atirando no que viu e acerte no que não viu. Se essa cruzada quixotesca conseguir acabar com as **agências**, perdem todos: o cidadão, o governo e, principalmente, o Rio de Janeiro.

As **agências reguladoras** foram criadas, em primeiro lugar, para garantir que os serviços de infra-estrutura entregues à administração privada sejam executados com qualidade e nas condições estabelecidas nos contratos de gestão firmados com a sociedade.(...)

Em segundo lugar, as **agências** foram idealizadas para harmonizar os interesses do Estado, do cidadão e dos investidores nas concessões de serviços públicos.(...)

Essa parceria, entretanto, colocava um dilema para os Estados: os investimentos em infra-estrutura são, pela sua natureza, vultosos e de retorno lento; exigem captação de recursos que as pagos ao longo de quinze ou vinte anos. Nenhum investidor se

arriscaria a botar dinheiro em projeto dessa monta sem a garantia de que as regras que regem a atividade seriam estáveis. As **agências reguladoras** foram a solução encontrada para garantir que o arcabouço legal sobre o qual repousam os contratos de concessão fossem estáveis no tempo. (Opinião – M. Fortes – Moinhos de vento – O GLOBO)

A repetição do SN, no caso em pauta, ajuda a estabelecer e reiterar a relevância do tema do texto, que não aceita substitutos com facilidade. Dessa forma, a continuidade tópica, no sentido mais amplo de tópico (discursivo) é garantida pela repetição do SN, e o texto ganha em densidade nominal.

##### 5. Para concluir

As análises mostram que a preferência por nome, pronome ou anáfora zero na “retomada” de um referente não é meramente uma questão de fala vs. escrita, mas que o *gênero de discurso* e o *tipo de texto* têm peso substancial nessa escolha.

O traço mais marcante, no que diz respeito à modalidade, parece ser a preferência pelo pronome na fala: a permanência de um mesmo referente como tópico permite a sua retomada por pronome, até em orações vizinhas. Porém a inibe na escrita, mesmo a informal, de cartas pessoais, em que já se prefere a anáfora zero. Outro gênero de escrita aparentemente informal – a crônica – revela-se de fato mais elaborado<sup>8</sup>, planejado para parecer não planejado (cf. Ochs 1979), o que se reflete no aumento da taxa de nomes (que, afinal, podem dar maior colorido ao texto), concorrendo estes com a anáfora zero e deixando o pronome como última opção.

Nesse sentido, é a escrita jornalística – pelo menos nos gêneros aqui investigados – que se destaca na preferência pela retomada nominal.

A *notícia* apresenta frequentes alternâncias entre referentes de terceira pessoa e, como deve atender a uma exigência de clareza e informatividade, acaba por concentrar sua escolha no nome, embora não necessariamente repetido, servindo-se da hiperonímia, da sinonímia e obtendo efeitos de recategorização.

Para a escolha entre nomes e pronomes na escrita prevalece o fator “distância da menção”, isto é, quanto maior a distância da última menção de um referente, maiores as chances de retomá-lo por nome, e não por pronome. Essa tendência foi sistemática nos gêneros jornalísticos (cf. Paredes Silva 2005) e sem dúvida revela uma faceta do planejamento do texto.

Ainda assim, no gênero *artigo de opinião*, a repetição idêntica do SN (um mesmo item lexical, às vezes com o mesmo, às vezes com outro adjetivo) não é evitada e acaba por ser a garantia da manutenção do tema principal do texto.

---

<sup>8</sup> Não esqueçamos de que se trata de um gênero literário.

Do exposto, fica evidente a complexidade envolvida numa comparação entre fala e escrita e a necessidade de incorporarmos a distinção dos *gêneros* e *tipos de texto* a qualquer estudo comparativo.

## 6. Referências

- Adam, J. M. (1993) *Les texts: types et prototypes*. Paris: Nathan.
- Bakhtin, M.M. (1986) *Speech genres and other late essays*. Austin: Univ. of Texas Press
- Biber, D. (1988) *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Chafe, W. (1982) Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. In: D. Tannen (ed). *Spoken and written language*. Norwood: N.J. Ablex.
- . (1985). Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: D.R. Olson, N. Torrance & A. Hudyard (eds) (1985) *Literacy, language and learning*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Givón, T. (1995) *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins
- . (1983) Topic continuity in discourse: The functional domain of switch-reference. In: John Haiman & P. Munro (eds) *Switch-reference and universal grammar*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, pp.51-82
- Koch, Ingedore (2001). A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (41), Campinas: UNICAMP, jul-dez.
- Koch, I.e. Marcusechi, L.A. (1998) Processos de referenciação na produção discursiva. *DELTA* vol.14, pp.169-190.
- Labov, W. (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press..
- Marcuschi, L. A. (2002). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Ângela Dionísio, Ana R. Machado, e M. A. Bezerra (orgs). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- Ochs, E. (1979) Planned and unplanned discourse. In: Talmy Givon. (ed) *Syntax and semantics* v.12 Discourse and syntax. N.York, Academic Press.
- Paiva, M.C. e Duarte, M.E.L. (orgs.) (2003) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contracapa.
- Paredes Silva, V.L. (1988) *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado, UFRJ.
- . (2005) *Referenciação, repetição e gêneros jornalísticos*. Participação em mesa-redonda no XIII Congresso da ASSEL/Rio, outubro/2005, UFF.
- . (2003). Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal. In: Maria Conceição Paiva e M. Eugenia Duarte (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contracapa, pp.97-114
- . (1993) Subject omission and functional compensation: evidence from written Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change* 5 (1), pp.35-49.
- . (1997) Forma e função nos gêneros de discurso. *ALFA* 41 (n.esp), pp.79-98.
- Tannen, D. (1982) *Spoken and written language. Exploring orality and literacy*. New Jersey: Ablex,
- . (1985) Relative focus on involvement in oral and written discourse. In: D. Olson, N. Torrance & A. Hudyard. (eds) *Literacy, language and learning*. Cambridge: Cambridge University Press,